

KAROLAYNE DIAS DA SILVA

**DISCIPLINA E INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: O
PAPEL DO PROFESSOR NA RELAÇÃO COM O ALUNO**

GOIÂNIA

2020

KAROLAYNE DIAS DA SILVA

**DISCIPLINA E INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: O
PAPEL DO PROFESSOR NA RELAÇÃO COM O ALUNO**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professora Orientadora: Ma. Zélia Maria Borges

GOIÂNIA

2020

KAROLAYNE DIAS DA SILVA

DISCIPLINA E INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: O PAPEL DO PROFESSOR NA RELAÇÃO COM O ALUNO

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Profª Orientadora: Ma. Zélia Maria Borges _____

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Profª Convidada: Ma. Márcia Curado _____

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Nota Final: _____ ()

Goiânia, ___/___/2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia.

Dedico a minha mãe que sempre foi uma grande inspiração para lutar com todas as forças por aquilo que acredito.

Dedico ao meu marido que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldade.

Dedico a professora Zélia Maria Borges com quem partilhei o que era o broto daquilo que veio ser esse trabalho.

Dedico aos meus amigos pelo apoio e suporte que me deram durante todo o curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, pelo Dom da vida, por me dar força, sabedoria e motivação necessária para concluir essa etapa tão importante em minha vida.

A minha família, pelo carinho e incentivo ao longo da minha caminhada acadêmica. Minha gratidão em especial a minha mãe que foi a base mais sustentável que contribui em todos os aspectos para eu estar concluindo essa formação.

A meu marido, pela paciência, e por entender minha ausência durante esse percurso.

Agradeço também aos meus amigos, e professores que apoiaram nessa minha formação.

Agradeço a ajuda da minha orientadora, professora Zélia Maria Borges, que, me orientou, pela sua disponibilidade, interesse e receptividade com que me recebeu e pela prestabilidade com que me auxiliou durante o processo de construção do TCC. Muito obrigada!! É o mínimo que posso dizer a todos que mesmo indiretamente, contribuíram para que chegasse até aqui e cumprir mais uma etapa da minha vida.

“O que seria de uma orquestra, se cada músico tocasse o que quisesse? Se não houvesse disciplina? Ela é necessária. E deve ser analisada como um meio e não um fim”.

VASCONCELLOS (1994)

SUMÁRIO

RESUMO	8
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1.....	14
DISCIPLINA E INDISCIPLINA: UM CONCEITO	14
1.1 Disciplina e indisciplina: um conceito	14
1.2 Vygotsky o desenvolvimento humano e a indisciplina	19
1.3 A família, a escola e o aprendizado da disciplina: uma perspectiva vygostskyana.	23
CAPÍTULO 2	26
O ESPAÇO DA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR: A CRISE DA AUTORIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO	26
2.1 O espaço da organização escolar e a autoridade do professor	26
2.2. A crise da autoridade na relação professor e aluno	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33

RESUMO

DISCIPLINA E INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR: O PAPEL DO PROFESSOR NA RELAÇÃO COM O ALUNO

Karolayne Dias da Silva*

Zélia Maria Borges****

RESUMO: esta pesquisa, de cunho bibliográfico possui como principal objetivo compreender a disciplina e a indisciplina no contexto escolar e o papel do professor na relação com o aluno; estudar o conceito de disciplina e indisciplina. Cumpre salientar que este estudo se fundamentou em teóricos especialistas na área da educação por meio de seus trabalhos e artigos desenvolvendo assim, uma pesquisa descritivo-exploratório, com análise qualitativa. Os resultados obtidos sugerem que a indisciplina atinge o processo pedagógico da aprendizagem e dificulta o trabalho do professor, já que pode haver um desgaste gerado na relação entre professor/aluno. Esses atos vêm acontecendo em várias esferas da sociedade, principalmente nas instituições escolares, por ser um ambiente onde convivem sujeitos com pensamentos e atitudes diversas. A indisciplina é uma problemática que vem causando uma grande preocupação para toda a sociedade e a busca pela solução dos problemas indisciplinares nos ambientes escolares dependerá de uma ação conjunta de toda a comunidade escolar e das famílias envolvidas neste contexto.

Palavras-chave: Disciplina, Indisciplina, Professor, Aluno, Escola

* Aluna do Curso de Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

**** Professora Curso de Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Mestre em Educação Brasileira.

INTRODUÇÃO

A preocupação em aprofundar nas questões da disciplina e indisciplina no contexto escolar: o papel do professor na relação com o aluno se deu mediante a realização do Estágio Supervisionado, onde foi possível perceber o quanto a indisciplina nos dias atuais faz parte do contexto escolar. A mesma afeta diretamente o processo de ensino e aprendizagem, sendo que a maioria das crianças atualmente não reconhece nem um tipo de autoridade, não possuem limites e não obedecem aos próprios pais que, infelizmente em sua grande maioria, se tornaram omissos em relação à educação de seus filhos.

Libâneo (2004) ressalta sobre a importância da organização da escola como espaço que possibilita a aprendizagem do professor e do aluno. Sendo assim, aborda duas vertentes que norteia a escola, o sistema de ensino e as políticas públicas que conduzem a escola conforme seus interesses, e a escola com o poder de autonomia. Portanto, a segunda vertente assegura a autonomia para ocorrer um bom trabalho dentro da instituição, trazendo significado para esse espaço e desenvolvendo um trabalho em conjunto.

Nessa perspectiva a gestão escolar tem um conhecimento interno de todos os componentes da escola, que possibilita uma organização refletida em prol da aprendizagem dos professores e dos alunos. Na sala de aula as atitudes dos alunos dependem em boa parte das suas vivências do dia a dia na escola.

Essa concepção contrapõe a pedagogia tradicionalista que tem o professor como autoridade dentro de sala. Essa visão coloca o aluno como um ser passivo que só recebe o conhecimento, a atitude do professor leva ao controle das relações humanas na sala. O educador para que realize a sua proposta com êxito centra nas suas palavras ordem e disciplina. O professor estrutura todo um recurso voltado a si para domínio dos alunos.

Portanto, o professor deve propiciar um espaço na sala de aula que as crianças possam se integrar e ter uma interação, um espaço que seja estimulante para a aprendizagem. Nesse espaço o professor deixa de ser apenas transmissor e passa a ser um facilitador e organizador do processo de aprendizagem do aluno.

Neste sentido, esta Monografia procura discutir se na contemporaneidade, existe uma crise na relação entre professor e aluno no espaço da sala de aula.

Muitas vezes os professores estabelecem um poder de hierarquia em relação ao aluno, organizando um conjunto de ideias que favorece sua conduta de autoridade, impondo atitudes que leva ao controle das relações humanas na sala, e determina o que seja bom, verdade, inútil e correto. O educador para que realize a sua proposta com êxito centra nas suas palavras ordem e disciplina. É nesse sentido que se percebe uma prática ainda arraigada na pedagogia tradicional, o aluno deve ficar calado, quieto, atento e ser obediente e respeitador. O professor estrutura todo um recurso voltado a si para domínio dos alunos, isso ocorre implicitamente na sala de aula. É nisso que passa de uma disciplina imposta para uma consentida, o aluno já se vê como um sujeito domado nesse processo.

Libâneo (2004) aborda sobre a escola como organização de trabalho e lugar de aprendizagem do professor. O autor situa os estudos que foram feitos do sistema educativo e das políticas públicas que são as ferramentas que norteiam os objetivos e metas para se cumprir na escola. E assim coloca a escola como um ponto importante para estudo não pela sua cultura, mas pela busca de estratégias de modernização e de eficácia do sistema educativo. Com isso, foi atribuído uma estratégia de descentralizar o ensino para dar à escola a autonomia e poder de decisão

Para Libâneo (2004) as políticas públicas não são nacionalistas, ou seja, não vão de acordo com o que acontece no contexto social, não estuda o aluno, a sociedade e a família no projeto brasileiro, são políticas internacionais, políticas que vêm de fora, desconhecem a realidade no Brasil. Então, abre portas para uma educação capitalista, uma educação que quem determina é o capitalismo. A partir dos anos 80 a política educacional e a concepção de educação vão mudando, vê-se surgir um tipo de escola diferente, com perspectiva da participação do aluno, do seu contexto envolvendo a sua comunidade e a família, uma escola democrática. Libâneo (2004) afirma que, se por um lado, tem políticas públicas que vem de fora, por outro, tem uma parte da escola que luta dia a dia para a construção de uma escola democrática, uma escola participativa.

Nôvoa (*apud* LIBÂNEO, 2004) destaca que: “é assim que as escolas, enquanto organizações educativas, ganham dimensões própria como um lugar onde também se toma importantes decisões educativas e pedagógicas”. A

perspectiva de Libâneo é a sociocrítica, vê a escola como um espaço educativo, que tem a participação de todos para uma construção coletiva. Os profissionais têm autonomia de decidir sobre o seu trabalho e aprender mais da sua profissão. Nessa visão é que constituem a escola como organização de trabalho e lugar de aprendizagem do professor. Pois, a organização e gestão da escola adquire um significado para além de burocratização e questões administrativas. São entendidas como práticas, pois passam valores e atitudes. Por isso, todos os profissionais trabalham em tarefas educativas, mesmo não sendo de forma igual.

Outro ponto que Libâneo (2004) vem acentuando, é, a cultura organizacional que faz parte da gestão. Porque, a escola também é um espaço de construção de cultura, não apenas a científica, mas também a social. A escola também tem a sua cultura que são os modos de agir, pensar e ver as coisas. A organização da escola, a gestão e a cultura da escola, tudo isso influencia dentro de sala, são práticas vivenciadas no dia a dia.

Furlani (2012), ao discutir a autoridade do professor, complementa essa reflexão, afirmando que, trata de um processo mais amplo, uma crise cultural. A autoridade dentro de sala ocorre por vários fatores, sendo eles: o professor ao considerar o aluno como se fosse semelhante a si; e outro fator que influencia é a noção que se teve do sujeito adulto, que era tido como um ser autônomo e responsável e cheio de conteúdo a serem ensinados para os mais jovens.

Então, inúmeros são os fatores que intervêm nas relações escolares. A autoridade deve ser um conceito valorizado para que se tenha uma educação de qualidade e as crianças devem ser respeitadas. A partir deste contexto, esta Monografia, levanta o seguinte problema para ser investigado: Na contemporaneidade, existe uma crise na relação entre professor e aluno no espaço da sala de aula?

A autora **Teresa (1994)** traz alguns elementos no seu texto que nos ajuda a pensar essa posição de autoritarismo do professor com os alunos na sala de aula. A mesma aponta que, o professor detém o conhecimento e dentro de sala ele se torna um transmissor para seus alunos, e faz com que os alunos sejam apenas um receptor desse conhecimento, tornando um aluno passivo que não tem voz dentro de sala. É assim que o professor se torna superior e os alunos submissos a ele.

Segundo a autora o educador organiza o ato pedagógico voltado a si, seleciona saberes e recursos que permite uma dita norma, e assim, controla as relações

humanas determinando um poder, estabelecendo critérios do que é bom, útil, belo, verdadeiro e correto. O professor ao passar uma mensagem aos alunos impõe que fiquem quietos, calados e sentados, são palavras que expressam ordem e disciplina para com os alunos.

A partir do que foi exposto e apresentado pelos autores estudados, a elaboração da presente Monografia se justifica pela necessidade de aprofundar na temática, na relação professor alunos, o aspecto disciplinar e as atitudes de alunos e professor no espaço da sala de aula e da escola, e ainda me apropriar deste contexto para que minha prática pedagógica seja cada vez mais inovadora e fundamentada em princípios pedagógicos.

Faz-se ainda necessário ressaltar que esta Monografia possui os seguintes objetivos: compreender a disciplina e a indisciplina no contexto escolar e o papel do professor na relação com o aluno; estudar o conceito de disciplina e indisciplina; compreender a Instituição Educacional, a Escola, como espaço de produção do conhecimento; destacar a importância da formação e atuação do professor no espaço escolar; discutir a possibilidade do aprendizado significativo do aluno em uma nova relação professor e aluno e ainda compreender a relação professor aluno e suas consequências para a aprendizagem.

Para tanto, a metodologia desta Monografia é um estudo do tipo bibliográfico descritivo, exploratório, com análise qualitativa. O estudo bibliográfico se baseia em literaturas estruturadas, obtidas de livros e artigos científicos provenientes de bibliotecas convencionais e virtuais. O estudo descritivo - exploratório visa à aproximação e familiaridade com o fenômeno - objeto da pesquisa (SEVERINO, 2016).

A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. O que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2018).

Após a definição do tema foi feita uma busca em revisões bibliográficas e em bases de dados virtuais (artigos científicos) na temática relação professor aluno no contexto da sala de aula, especificamente na Scientific Electronic Library Online - SCIELO e na Biblioteca Virtual. Foram utilizados os descritores instituição escolar,

formação de professores, relação professor aluno, disciplina, indisciplina e sala de aula.

Cumprindo ainda salientar que o presente trabalho foi fundamentado nos teóricos: Libâneo (2004); Tereza (1994); Furlani (2012); Pereira (2011); Gomes (2009) dentre outros, que contribuíram de forma significativa para essa pesquisa.

Por meio da elaboração desta almeja-se o aprofundamento e aquisição de novos conhecimentos referentes à temática da disciplina e da indisciplina no contexto escolar para que assim seja possível compreender os fundamentos e desenvolver uma prática profissional que possa auxiliar-me nos processos educativos dos alunos para uma boa convivência escolar.

CAPÍTULO 1

DISCIPLINA E INDISCIPLINA: UM CONCEITO

Para a discussão que se pretende nesta Monografia é fundamental compreender o conceito de disciplina e indisciplina. Por isso, este capítulo faz uma discussão para destacar, em primeiro momento, esse conceito a partir dos estudos de Vygotsky.

1.1 Disciplina e indisciplina: um conceito

Segundo Rego (1996) existe uma complexidade ao compreender o conceito de indisciplina e disciplina, devido os equívocos nas interpretações que se fazem acerca desse tema. O problema da indisciplina e disciplina é um assunto que tem pouca pesquisa relacionada, por isso, a busca da resposta é sempre voltada ao senso comum. A indisciplina é um conceito que é mutável, sempre está em movimento, e não é universal, nem uniforme. Para Rego (1996, p. 84):

Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma camada social ou organismo. Também no plano individual a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas. Como decorrência os padrões de disciplina que pauta a educação das crianças e jovens, assim como os critérios adotados para identificar um comportamento indisciplinado, não somente se transformam ao longo do tempo como também se diferenciam no interior da dinâmica social (REGO, 1996, p. 84).

De acordo com Rego (1996) no dicionário, o termo disciplina e indisciplina pode ser definido assim:

O termo disciplina pode ser definido como “regime de ordem imposta ou livremente consentida”. Ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar etc.). Relação de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor. Observância de

preceitos ou normas. Submissão a um regulamento”. E, disciplinar, o ato de “sujeitar ou submeter à disciplina: disciplinar uma tropa. Fazer obedecer ou ceder; acomodar, sujeitar; corrigir: procurou disciplinar os instintos selvagens das crianças”. E ainda, disciplinável como “aquele que pode ser disciplinado”. Já o termo indisciplina refere-se ao “procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião” (REGO, 1996, p. 85).

Rego (1996) afirma que essa definição que está posta no dicionário pode ser entendida de diversas maneiras, aponta algumas delas, sendo o disciplinável entendido como o sujeito que é passivo, que se sujeita, e que é dominado por outrem, que segue norma, regras sem se questionar. Já o disciplinado é o indivíduo que segue corretamente regras de alguma organização sem se questionar, sempre obedecendo. O disciplinador é o sujeito que comanda toda a situação, que leva as pessoas a obedecê-lo, fazendo com que fiquem submissos a ele. Já o indisciplinado é o que não se submete, não se acomoda é o que sempre questiona.

Segundo Rego (1996) no meio educacional essa perspectiva é bastante difundida. Costuma-se compreender a indisciplina, expressa por um grupo ou indivíduo que apresenta uma conduta inadequada, rebeldia, ou desacato que é considerado “falta de educação ou respeito pelas autoridades”, na bagunça ou agitação motora. Percebe-se então que, quando o sujeito não segue tal regra ou norma e é visto com uma outra postura, modo de se expressar e agir, ele é considerado uma pessoa indisciplinada, porque não está dentro desses padrões que é estabelecido. Nesse espaço escolar é visto um aluno que é incapaz, porque não segue as regras e normas dessa instituição. A disciplina parece ser algo “perfeito”, se você seguir corretamente você consegue fazer um bom proveito de tudo aquilo. É visto dessa forma nas escolas, se o aluno segue tudo dentro da ordem ele terá um bom aproveitamento das coisas propostas para ele nesse ambiente. Mas, não é dessa forma, isso tudo vem como uma alienação dos superiores para o indivíduo. Rego (1996, p. 85) traz suas contribuições afirmando que:

A disciplina parece ser vista como uma obediência cega a um conjunto de prescrições e, principalmente, como um pré-requisito para o bom aproveitamento do que é oferecido na escola. Nessa visão, as regras são imprescindíveis ao desejado ordenamento, ajustamento, controle e coerção de cada aluno e da classe como um todo.

Qualquer inquietação, movimento, questionamentos, conversas ou desatenção por parte do aluno é considerado indisciplina, porque, se busca ter uma tranquilidade, paz, harmonia, silêncio, docilidade e a passividade das crianças a ponto de não se distrair do exercício passado pelos professores. Rego (1996, p. 86) aponta uma tendência que é comum dentro das escolas:

Uma outra tendência presente no campo da educação é a de associar a disciplina a tirania. Qualquer tentativa de elaboração de parâmetros ou definições de diretrizes é vista como prática autoritária, deformadora ou restritiva que ameaça o espírito democrático e cerceia a liberdade e espontaneidade das crianças e jovens. A disciplina assume uma conotação de opressão e enquadramento.

Rego (1996) então observa que, no campo educacional há essa tendência de fazer a associação da disciplina com a tirania. Visto que, qualquer tentativa de elaboração dos parâmetros e diretrizes é visto como uma forma de ameaça a democracia e a cortes a liberdade das crianças e jovens. Por isso, as regras da escola devem ser abolidas, ignoradas e qualquer comportamento indisciplinado pode ser considerado uma virtude por estar enfrentando e ousando a um modelo regulamento, se opondo a tirania muitas vezes vigente no espaço escolar. Entretanto, esse tema pode e deve ser interpretado de uma outra forma, já que nessa visão a questão da indisciplina ou da disciplina pode estar de um lado justificando as práticas de governar e, do outro lado pode estar deixando o trabalho pedagógico submisso as vontades das crianças e jovens.

Rego (1996) ressalta a importância da regra para guiar as relações sociais dentro de uma sociedade. Destaca que uma sociedade complexa exige que tenha o cumprimento de regras para se ter uma harmonia, diálogo, entendimento e cooperação para que os sujeitos tenham uma vida organizada. E na escola não é diferente, necessita das regras e normas para encaminhar o seu funcionamento e a convivências entre os indivíduos que nela atuam. Nessa perspectiva, as normas se tornam um meio que possibilitam uma condição necessária ao convívio social, deixando de ser vista como algo aterrizador. E para além, a internalização e obediência do indivíduo a determinadas regras pode levar o indivíduo a uma atitude autônoma, já que norteia as suas relações sociais. Nesse modelo, o disciplinador é aquele que educa oferece parâmetros e estabelece limites.

Nessa visão a indisciplina passa a ser vista como um desrespeito de ferimento as normas estabelecidas, do não cumprimento das regras que pauta a conduta do individuo ou grupo. La Taille (*apud* REGO, 1996, p. 86) contribuiu afirmando sua análise,

“(...) crianças precisam sim aderir a regras (que implica valores e formas de condutas) e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os “limites” implicados por essas regras não deve ser apenas interpretado no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem ser também entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, da consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social- a família, a escola, e a sociedade como um todo.

Assim como La Taille analisou, percebe-se que as regras não são somente na escola que se têm, ou se aprende só na escola pelo professor, mas, é um trabalho conjunto que se estabelece na família, na escola e na sociedade. Esse trabalho em conjunto é ‘desenvolvido com o sujeito para desenvolver os seus valores, suas condutas dentro de uma sociedade que também tem normas. Sendo assim, a implicação a determinação de limites deve ser não só vista pelo lado negativo, e sim, pelo lado positivo também. Assim, Rego (1996, p. 87) observa:

Partindo dessa premissa, no plano educativo, um aluno indisciplinado não é entendido como aquele que questiona, pergunta, se inquieta e se movimenta na sala, mas sim como aquele que não tem limites, que não respeita a opinião e sentimentos alheios, que apresenta dificuldade em entender o ponto de vista do outro e de se autogovernar (no sentido expresso por Vygotsky, 1984), que não consegue compartilhar, dialogar e conviver de modo cooperativo com seus pares.

Neste sentido, a disciplina não é vista como um controle, mas como um conjunto de parâmetros elaborados por um adulto ou em conjunto com os alunos e internalizado por todos. As regras devem ser obedecidas no contexto educativo para uma convivência harmônica e para o desenvolvimento de um trabalho com qualidade. Partindo desse entendimento, a disciplina é concebida como uma virtude e qualidade para o aluno, e claro, para a escola o objetivo a ser alcançado. A disciplina passa a ser compreendida como um resultado prática educativa da escola e não como um pré-requisito para aproveitamento escolar.

A análise desses termos abordados até aqui, nos traz vários pontos que requer muito cuidado na discussão sobre a indisciplina na sala de aula. A maneira como é interpretada a indisciplina (ou a disciplina), acarretará uma série de problemas na prática pedagógica, porque, fornece elementos capaz de interferir, não somente nas interações estabelecidas com os alunos, mas, na forma de avaliar seu desempenho na escola, e, também, como concretizar os objetivos que se quer alcançar.

Outro ponto que influencia o processo educativo é, qual a visão da comunidade (professor, técnicos, pais e alunos) sobre as causas da indisciplina. No cotidiano escolar, os professores atordoados e espantados com o fenômeno da indisciplina, buscam respostas sem aprofundamento ou base acerca dessa manifestação. Conforme Rego (1996) os professores começam a fazer uma relação do tempo quando eles estudavam com a atualidade, dizendo que, no tempo deles os professores eram respeitados em todo o espaço, que havia uma autoridade da parte dos professores, que não tinha essa bagunça de hoje.

Rego (1996) evidencia que é comum verem a indisciplina na sala de aula como reflexo da pobreza e da violência presente na sociedade e, particularmente, pelos meios de comunicação como a TV. E, portanto, nessa percepção parecem compartilhar a ideia de que o aluno é culpado por fazer parte dessa sociedade injusta, opressora e violenta e, a escola como um espaço que recebem essa clientela inadequada. Rego (1996, p. 88) expõe que:

O pressuposto dessa visão é o de que o indivíduo é um “receptáculo vazio” que se modela, passivamente, as pressões do meio. A escola se vê, desse modo, impotente diante do aluno, principalmente dos que proveem de ambientes economicamente e culturalmente desfavorecido.

Os argumentos sempre dizem respeito às classes desfavorecidas, e o olhar sobre a indisciplina vem culpabilizando o sujeito da classe economicamente desfavorecida. Outra alegação que atribuem ao comportamento indisciplinado é a de que os familiares são culpados pelo não correção da criança em casa, por exemplo: se as crianças vivem em casa uma situação agressiva, se recebem castigos, se apanham, uma criação autoritária, essa é a razão das crianças não conseguirem viver em ambientes

democráticos. Esses são argumentos vindos dos educadores que consideram todos esses fatores o influenciador da indisciplina na sala. De acordo com Rego (1996) esses depoimentos jogam a culpa toda na família como se ela fosse a causadora do comportamento do aluno na escola. Sendo assim, a escola deixa de observar o problema interno dela já que o problema é destinado para fora de seu domínio.

Outro motivo que os professores atribuem à indisciplina no cotidiano escolar está relacionado aos traços de personalidades de cada aluno: fulano é terrível, não tem jeito! Sicrano nasceu rebelde, o que eu posso fazer? Assim, atribuem a responsabilidade para o próprio aluno. Rego (1996) ressalta uma outra forma comum de argumentar as causas da indisciplina na escola, afirma que,

Uma outra maneira de justificar as causas da indisciplina na escola, bastante presente no ideário educacional, se refere a tentativa de associar o comportamento indisciplinado a alguns “traços inerentes” a infância e adolescência: “Os adolescentes são, de um modo geral, revoltados e questionadores, não adianta querer lutar contra isso”; “As crianças são egocentradas, por isso apresentam tanta dificuldade em entender as regras e necessidades do grupo”; “crianças é indisciplinadas e desobedientes por natureza, precisam ser domadas (REGO, 1996, p 89)

Esse pensamento é norteado pelo inatismo que considera que o sujeito já nasce com essas características. Sendo assim, questionam que o indivíduo que é indisciplinado não tem mais jeito, já nasceu com essa particularidade. Atribuem como se fosse de natureza e não tem mais concerto, não adianta persistir para que mudem seus traços. Entendem essas ações dos sujeitos como algo pronto e acabado, sem possibilidade de mudança.

Resumidamente, essa ideia inatista é um modo de ver que limita, não considera que o sujeito está inserido dentro de uma cultura. Não permite a modificação do indivíduo, porque acredita que os traços comportamentais já estão definidos desde o nascimento.

1.2 Vygotsky o desenvolvimento humano e a indisciplina

Rego (1996) ressalta que a constituição humana ainda é um objeto de polêmica e controvérsia no campo da psicologia. A autora afirma que, do ponto de vista teórico, as abordagens inatista e ambientalistas estão praticamente superadas. Na sequência, explica que a psicologia contemporânea apesar de comportar uma pluralidade de enfoques teóricos e uma grande variedade de investigação sobre o assunto, tende a admitir que as características de cada indivíduo não são dadas a priori, nem, tampouco, determinadas pelas pressões sociais. Mas, são constituídas a partir das interações dos sujeitos com o meio compreendido com um contexto físico e social, que inclui as dimensões interpessoal e cultural.

Nessa perspectiva, o sujeito estabelece desde o seu nascimento e durante toda a sua vida uma troca recíproca com o meio e, ao mesmo tempo, internaliza as formas culturais, as transforma e intervém no universo que o cerca. Essa abordagem enquadra na teoria de Vygotsky conhecida como sócio-interacionista ou sócio-histórica. Rego (1996) destaca os elementos que Vygotsky dá ênfase como importante para o indivíduo se constituir. Vygotsky concebe a cultura, a sociedade e o indivíduo como sistemas complexos e dinâmicos, submetidos a ininterruptos e recíprocos processos de desenvolvimento e transformação. É por isso que Vygotsky considera essencial analisar o desenvolvimento humano em seu contexto sociocultural.

Rego (1996) apresenta outro estudo que Vygotsky fez sobre as funções psicológicas superiores, que caracteriza o modo de funcionamento psicológico tipicamente humano. Essas funções psicológica superiores se referem a experiências que são adquiridas durante a vida do sujeito, considerando este um ser que se relaciona com o mundo, com a cultura, por meio de instrumentos físicos e simbólicos. São eles: controle consciente do comportamento, a capacidade de planejamento e previsões, atenção e memória voluntária, pensamento abstrato, raciocínio dedutivo, imaginação etc. Rego (1996 p. 93) explica sobre os processos mentais,

Esses processos mentais são considerados superiores e sofisticados porque referem-se a mecanismo intencionais, ações conscientes controladas, processos voluntários que dão ao indivíduo a possibilidade de independência em relação as característica do momento e espaço presente.

Desta forma, os indivíduos através de interações com outros, irão se apropriando dos processos psicológicos e vão se desenvolvendo conforme a internalização de formas culturais de comportamento. Leontiev (*apud* REGO, 1996 p. 93) ressalta que,

As características do funcionamento psicológico assim como o comportamento de cada ser humano são, nesta perspectiva, construídas ao longo da vida do indivíduo através de um processo de interação com o seu meio social, que possibilita a apropriação da cultura elaborada pelas gerações precedentes. “Cada indivíduo aprende a ser um homem. **O que a natureza lhe dá quando nasce não basta para viver em sociedade.** É lhe preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana” (grifo meu)

Portanto, o meio social está em constante transformação, e conforme o sujeito é inserido em um determinado contexto social, que já vem sendo construído há muito tempo, vai se apropriando da cultura. É por meio das interações que o sujeito vai internalizando o conhecimento e desenvolvendo o seu funcionamento psicológico. Para Rego (1996 p. 93) o sujeito não se desenvolve individualmente,

O desenvolvimento individual não é visto, portanto, como resultante de uma “propriedade” ou “faculdade” primitivamente existente no sujeito (definidas por razões divinas ou biológicas), nem como puro reflexo de condicionamentos externos, não é imutável e universal, e nem tampouco independente do desenvolvimento histórico e das formas sociais da vida humana.

Nessa perspectiva, Rego (1996) explica a importância da cultura como constitutiva da natureza humana, já que a formação das características psicológicas individuais se dá através da internalização dos modos e atividades psíquicas historicamente determinados e culturalmente organizados. Nesse sentido, a autora esclarece o quanto significativo é o sujeito fazer uma transformação na cultura, não apenas só internalizando esse repertório social, mas o sujeito se modificar e intervir em seu meio. Lembrando que, a cultura não é algo estático na qual o sujeito se submete, mas em que os integrantes estão

num constante movimento de recriação e interpretação de informações, conceitos e significados.

Logo Vygotsky (*apud* Rego,1996) reafirma que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta. Por que existem os instrumentos técnicos e os signos, que foram construídos historicamente e que são carregados de significado cultural, fazendo a mediação dos seres humanos entre si e deles com o mundo. E um desses signos mediador é a linguagem, que é uma construção da cultura humana que é carregada de conceitos e permitem a comunicação entre os indivíduos, estabelecimento de significados comuns aos diferentes membros de um grupo social, a percepção e interpretação dos objetos, eventos e situações do mundo circundante. Outro ponto relevante que a autora aponta, é o importante papel de outra pessoa como mediadora nos processos de formação dos conhecimentos, habilidades de raciocínio e procedimentos comportamentais de cada sujeito. Sendo assim, o desenvolvimento individual é sempre mediado por um outro sujeito que é de dentro do grupo social, e vai atribuindo significado a essa realidade. E é por meio dessa mediação que o sujeito imaturo vai se apropriando dos modos de funcionamento psicológico, do comportamento e da cultura. Ou melhor, quando internalizados, esse processo passa a ocorrer sem a intermediação de outra pessoa. Dessa forma, a atividade que antes necessitava ser mediada agora é feita independentemente. Essa passagem, é da regulação interpsicológica para a regulação intrapsicológica. Assim, Rego (1996 p. 94) resumidamente conclui:

Ao internalizar as experiências fornecidas pela cultura, a criança e o adolescente reconstroem individualmente os modos de ação realizados externamente e aprendem a organizar os próprios processos mentais, a controlar e dirigir seu comportamento (autogoverno) e a agir neste mundo. O indivíduo deixa, portanto, de se basear em mediadores externos e começa a se apoiar em recursos internalizados (ideias, valores, imagens, representações mentais, conceitos etc.).

Enfim, percebe-se, a importância da cultura, da interação e da mediação para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores dos sujeitos. E através dessas ações o indivíduo vai se constituindo e se transformando. Outro ponto primordial, é a educação escolar, a escola é fundamental nesse processo

da constituição do sujeito, pois, estabelece uma relação do meio com esse espaço, e as crianças são desafiadas a entender as bases dos sistemas de concepções científicas que possibilita novas formas de pensamento, comportamento, inserção e atuação no espaço social.

1.3 A família, a escola e o aprendizado da disciplina: uma perspectiva vygostskyana.

Rego (1996) aborda um quadro mais amplo do fenômeno da indisciplina, diferente do fragmentado que é difundido nos meios educacionais. Aponta os diferentes fatores que atuam na formação do comportamento e desenvolvimento individual.

Como já foi dito, os traços de cada ser humano (comportamento, funções psíquicas, valores etc.) está vinculado a aprendizagem, a apropriação dos conhecimentos das pessoas mais experientes da linguagem e outros mediadores. Sendo assim, um comportamento mais ou menos indisciplinado de um determinado sujeito dependerá de suas experiências, de sua história educativa, que, por sua vez, sempre terá relações com as características do grupo social e da época histórica em que se insere.

Portanto, de acordo com Rego (1996) diferentemente das ideias presentes no meio educacional, o comportamento indisciplinado não resulta de fatores isolados, como por exemplo (exclusivamente da educação familiar, da influência da TV, da falta de autoridade do professor, da violência da sociedade atual etc.) mas, envolve toda uma multiplicidade de influência que recai nesse sujeito.

Desta forma, Vygotsky (*apud* Rego 1996 p. 96) ressalta: “Claramente o papel crucial que a educação tem sobre o comportamento e o desenvolvimento de funções psicológicas complexas, como agir de modo consciente, deliberado, de autogovernar-se (aspecto diretamente relacionados a disciplina”. Em outras palavras, o comportamento (in) disciplinado é aprendido. Partindo desse entendimento, o problema da indisciplina não é culpa da família e nem tampouco da escola, porque na sociedade essas são agências educativas.

Os familiares, a escola, tem que estabelecer uma relação recíproca com os sujeitos nesse processo escolar. Os familiares sendo o primeiro contexto de socialização dos sujeitos, tem como princípio estabelecer uma conduta harmônica com suas crianças, englobando diálogo, respeito ao sentimento de seus filhos, ter afetividade, estimular a capacidade da criança, e a expressarem suas opiniões sobre determinado aspecto que as afetam. Esses são aspectos significativos que contribuem para que o indivíduo tenha essa percepção dos valores que foram passados através dessa relação democrática de seus pais. Nesse sentido, a criança consegue se relacionar facilmente, ter a autonomia, capacidade de iniciativa e autocontrole. Esse impacto que a educação familiar tem sobre o indivíduo parte do ponto de vista (cognitivo, afetivo e moral). Entendendo que, o que ocorre no ambiente familiar é importante, porém, não é determinante. Porque como já vimos os traços que caracterizarão as crianças ao longo do seu desenvolvimento, não dependerão exclusivamente das experiências vivenciadas no interior da família, mas também das inúmeras aprendizagens que o indivíduo realiza em diferentes contextos socializadores, como na escola. De acordo com Rego (1996 p. 98):

Uma relação entre professores e alunos baseados no controle excessivo, na ameaça e na punição, ou na tolerância permissiva e espontaneísta, também provocará reações e uma dinâmica bastante diferente daquela inspirada em princípios democráticos.

Ou seja, as crianças que são provenientes de lares comprometidos, cujo seu ambiente não existem estímulo ou orientação, poderão superar essa adversidade em um outro contexto educativo, um modelo diferente de educação. Sendo assim, a escola é um local que possibilitará essa vivência social, até porque é um espaço que propicia diversas interações, que são diferentes do grupo familiar. Rego (1996, p. 99) ressalta que,

O papel da escola é relevante, que não é, como já pensou, o de compensar carências (culturais, afetivas, sociais etc.) do aluno e sim o de oferecer a oportunidade de ele ter acesso à informação e experiências novas e desafiadoras (que incidam na sua zona de desenvolvimento proximal), capazes de provocar transformações e de desencadear novos processos de desenvolvimento e comportamento.

Nessa perspectiva, a Escola exige uma organização democrática que tenha a participação de toda a equipe envolvida nesse espaço, que os professores possam criar um ambiente que seja cooperativo, que propicia a participação das crianças, que seja favorável para a construção conjunta de valores. Rego (1996, p. 99) destaca a importância do papel da escola, afirmando que,

Por um lado, nos leva a reconhecer que a escola não pode se eximir de sua tarefa educativa no que se refere a disciplina. Se uma das metas da escola é que os alunos aprendam as posturas consideradas corretas na nossa cultura (como por exemplo, apresentar atitude de solidariedade, cooperação e respeito aos seus colegas e professores), a prática escolar cotidiana deve dar condição para que as crianças não somente conheçam estas expectativas, mas também construam e interiorizem estes valores, e, principalmente, desenvolvam mecanismos de controle reguladores de sua conduta (ações voluntariamente controladas, na linguagem de Vygotsky).

Desta forma, os professores precisam adequar as suas exigências as necessidades dos alunos. Os alunos mais do que obedecer e conformar com as regras estabelecidas, devido ao receio de punições e ameaças (nota baixa, advertência para os pais assinarem suspensão das aulas etc.) precisam ter a oportunidade de conhecer, entender o porquê, e discutir sobre essas regras e porque elas se originaram e as consequências caso sejam infligidas. Como já vimos a importância da linguagem na constituição psicológica. A vista disso, o papel do professor é de muita importância. Cabe a ele, a refletir sobre sua prática, pensar sobre as regras presentes na escola (se são justas? coerentes? necessárias?). Tendo em vista isso, os alunos terão um efeito extremamente educativo: nas situações que necessitar, as crianças saberão avaliar e tomar decisões por si só.

Com base nos autores estudados até aqui, em especial Vygotsky, é possível dizer que o conceito de disciplina no espaço escolar ganhou novas abordagens, passando a ver o aluno com um todo, sendo um ser ativo no processo de ensino e aprendizagem, que necessita da interação com o outro e com o meio para o aprendizado e seu desenvolvimento, ou seja, um ser social. Neste contexto as duas instituições mais importantes na formação de um sujeito: escola e família necessitam cumprir seus papéis, uma complementando a outra.

CAPÍTULO 2

O ESPAÇO DA ORGANIZAÇÃO ESCOLAR: A CRISE DA AUTORIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO

Para compreender na contemporaneidade a relação professor e aluno, a perda da autoridade do professor, achamos necessário construir uma discussão que faz compreender a organização da escola, o papel da gestão e de todos os sujeitos envolvidos na escola e no espaço da sala de aula e a perda da autoridade do professor para compreender a indisciplina no contexto escolar. Para isso, buscase autores que fazem essa discussão para tal compreensão: Libâneo (2004); Furlani (); Pereira ();

2.1 O espaço da organização escolar e a autoridade do professor

Conforme Libâneo (2004), o sistema escolar e as políticas públicas são a ferramenta que guia as escolas na sua organização, assim sendo a escola é o espaço que se realiza os objetivos e metas propostos pelo sistema educativo. O autor coloca a escola como um objeto de estudo, para verificar as estratégias de modernização na busca da eficiência do sistema educativo. Ele discorre sobre uma estratégia que é a descentralização do ensino, passando uma parte do poder para a responsabilidade da escola, assim a escola tendo a conduta e autonomia de se posicionar em relação a gestão. As reformas educativas de vários países também enfatizam a gestão centrada na escola, porque dá a autonomia.

Nôvoa (*apud* LIBANEO, 2004), destaca que na década de 1960-1970 houve uma pesquisa em educação que se destacou sobre o funcionamento do sistema educativo e a desigualdade social. Os estudos abordaram mecanismo pelas quais as escolas produziam desigualdade nas aprendizagens escolares. Mas, depois desse período na década de 80, a escola voltou a ter o seu papel reconhecido, se por um lado ela foi culpada pela discriminação, por outro ela foi um princípio

indispensável para a construção cultural além do desenvolvimento do papel da cidadania.

Em relação a esse entendimento, foi dando ênfase no estudo da escola como aproximação das análises sociopolíticas mais globais e as abordagens centradas na sala de aula. Libâneo (2004) apresenta duas formas de ver a gestão centrada na escola, a primeira é o ideário neoliberal, que libera boa parte da responsabilidade do Estado. Então, a lógica do ensino dessa ideia é focada no ensino mercadológico, a preparação para o mercado de trabalho. A segunda forma é a socio-crítica, que não desobriga o Estado da sua responsabilidade, e o professor tem o seu significado e é valorizado, tem a autonomia de participação e de tomar iniciativas decorrentes de suas ações.

Por opção, faremos um destaque na segunda perspectiva que é o modelo que socio-crítica no qual a escola se constitui como um espaço educativo, que o professor propõe seus pensamentos suas reflexões e aprende mais sobre sua profissão, tem liberdade de decidir sobre o seu trabalho, tem a construção de conhecimento coletiva com os outros componentes da profissão.

Segundo Libâneo (2004), a organização e a gestão da escola adquirem um significado bem mais amplo, para além de referir-se apenas a questão administrativa e burocrática. Elas são entendidas como práticas educativas, pois passam valores, atitudes de agir, influenciando as aprendizagens de professores e alunos. O que isso quer dizer, que toda a equipe desde a direção até as profissionais de limpeza trabalha na organização da escola e está desenvolvendo uma prática educativa, embora não seja de forma igual. Mas porque essas práticas afetam de maneira que intervêm nas aprendizagens de professores e alunos. Porque? À medida que a direção organiza o espaço escolar e o trabalho pedagógico, suas ações vão espelhar na ação dos profissionais, como exemplo: se o estilo de gestão adotado pela direção for de interação entre as pessoas, ter um vínculo de afetividade e de acolhimento, terá um resultado dos profissionais de acordo com sua atuação.

Conforme Libâneo (2004, p. 32), “o comportamento dos alunos, suas atitudes, seus modos de agir dependem, em boa parte, daquilo que presenciam e vivenciam no dia-a-dia da escola”. Fica nítido que, o professor tem toda uma responsabilidade sobre o seu preparo, a participação coletiva e a liderança

organizacional compartilhada, pois, a ausência desses elementos acarretará o nível de aproveitamento escolar dos alunos.

É importante se perceber enquanto profissional e refletir quais são suas atitudes em prol daquele ambiente que se está inserido, e principalmente o espaço da sala de aula. Libâneo (2004, p. 32) afirma que,

Parece claro, portanto, que a presença ou ausência de certas características organizacionais das escolas, tais como o estilo de direção, o grau de responsabilidade dos seus profissionais, a liderança organizacional compartilhada, a participação coletiva, o currículo, a estabilidade profissional, o nível de preparo profissional dos professores etc. são determinantes da sua eficácia, do nível de aproveitamento escolar dos alunos.

Conforme o autor a eficácia do rendimento dos alunos está na parte de, como é feito o trabalho dos profissionais, como eles se organizam em relação aos seus objetivos, e se o trabalho é feito em conjunto, em busca de determinadas metas.

Libâneo (2004) conceitua também a cultura organizacional, ou seja, a cultura da escola, que interfere nas práticas de gestão. Segundo Libâneo (2004, p. 32): “tem sido cada vez mais importante compreender a escola como um lugar de construção e reconstrução da cultura, não apenas a cultura científica, mas a cultura da escola”. Para Pérez (*Apud* LIBÂNEO, 2004, p. 32), “a escola, e o sistema educativo em seu conjunto, pode ser considerado como uma instância de mediação cultural entre os significados, sentimentos e as condutas da comunidade social e o desenvolvimento humano das novas gerações”.

Sendo assim, a escola tem a sua característica, os seus valores, seus significados. E nela intercrucizam vários sujeitos, que, vêm carregados de uma cultura tanto a sua própria (individualizada), e a sua que é construída nessa diversidade cultural. E nessa escola vão se relacionar vários indivíduos e que cada um traz as suas culturas e assim, vão se relacionando e internalizando e aprendendo da cultura do outro, e o da escola. Então, a escola pode ser considerada um espaço propício de conhecimento cultural, incluindo o da própria escola.

O modo de funcionar da escola, o de agir e os comportamentos revelam a sua identidade. Essa cultura da escola norteia todo o processo dos indivíduos, o sentido que elas dão as coisas, a forma de agir e pensar coletivamente. Por isso,

não se conhece uma escola apenas por se ver, e na relação que se tem com os funcionários e as propostas pedagógicas, mas captar os significados, os valores, modos de agir, convivências e forma de resolver os problemas, isso é que vai definindo uma cultura própria da escola.

Com base em todo o estudo feito até agora, pode-se dizer se há relação entre a organização da escola, cultura da escola e a sala de aula? A resposta é sim, porque as práticas e atitudes vividos pelas pessoas no dia a dia influencia as práticas dos professores na sala de aula. Embora, já sabemos que há relação entre a organização da escola, cultura da escola e a sala de aula. Precisa saber se tem algum poder superior que interfere nessa cultura organizacional da escola e se tiver quais são esses fatores? Neste sentido, Libâneo (2004, p. 33) destaca que,

É claro que há nela um papel centrado do sistema de ensino, da estrutura hierárquica e das várias instâncias e formas de exercícios do poder das normas oficiais, dos regulamentos, dos modos de agir já consolidados etc. mas há também o papel da subjetividade das pessoas, dos modos como as pessoas pensam e agem, das crenças e valores que elas vão se formando no longo de sua vida, na família, nas relações sociais, na formação escolar.

Entende-se então, que, há uma ordem superior que intervém na organização cultural, mas depende também da individualidade da pessoa, os valores que vão se formando, são dois elementos que se interligam nessa relação escolar.

Conforme Libâneo (2004, p.33), “por um lado, a organização educa os indivíduos que a compõem e por outro, os próprios indivíduos educam a organização, à medida que são eles que a constituem e, no final de contas, a definem com base nos seus valores, práticas, procedimentos, usos e costumes”. Desta forma: “Os indivíduos e os grupos mudam, mudando o próprio contexto em que trabalham”. Amiguiño e Canário (*Apud* LIBÂNEO, 2004, p. 34).

Portanto, por trás das práticas e atitudes dos sujeitos é necessário compreender que existe uma cultura organizacional que caracteriza cada escola. Há então, múltiplas interferências entre a organização da escola e da sala de aula. Dois aspectos que devem se levar em conta, é a dinâmica organizacional já existente e a cultura da organização escolar, próprio de cada escola. Neste contexto, Libâneo (2004, p. 34), destaca que,

E se estamos convictos de que as organizações educam, as formas de organizações e gestão têm uma dimensão fortemente pedagógica, de modo que se pode dizer que os profissionais e usuários da escola aprendem, mudando junto com os seus profissionais.

Neste sentido, uma organização pedagógica escolar que leva em conta a cultura e a realidade de cada sujeito, contribui para a formação de todos que estão envolvidos na instituição e todos também contribui com a mudança. É um trabalho coletivo, norteado, direcionado para os mesmos objetivos pedagógicos.

2.2. A crise da autoridade na relação professor e aluno

Furlani (2012, p. 13) traz mais elementos para essa reflexão, dizendo que se trata de um processo mais amplo, uma crise cultural e destaca:

Uma crise cultural ocorre quando ideias, valores e crenças estão sendo questionados, pois o ideário que servia de referencial para a postura humana revela-se inconsistente frente aos problemas criados por uma nova realidade. No atual momento histórico e crítico, que afeta não só o Brasil e o Terceiro Mundo contemporâneo, busca-se substituir os sentidos de alguns valores por outros que contribuam para a construção de uma sociedade democrática.

Pereira (2011), traz uma abordagem filosófica e sociológica tentando explicar essa crise, ele diz que na contemporaneidade os ideais republicanos e iluministas, pregam que todos os homens são iguais e livres, ou seja, mestre e não mestre são iguais, assim tanto o deus medieval, quanto o pai, seu maior representante e legislador, já não são reconhecidos como tais. A educação recebe um reflexo direto dessa transformação social, a pedagogia moderna seguindo essa perspectiva visa abafar as diferenças em prol de um mundo de iguais. Nesta perspectiva, Pereira (2011, p. 25), destaca que,

Professores e alunos são vistos, cada vez mais, como semelhantes, irmanados quase que na mesma condição. Há de se notar, por exemplo, o quanto professores de hoje são chamados em diversas circunstâncias de “orientadores”, “facilitadores”, “instrutores”, “mediadores”, “tutores”, entre outros termos que parecem querer docilizar uma diferença que está posta na origem: a diferença entre mestre e não mestre. Ao se portar assim, o docente demonstra o quanto através da afetividade ou do igualar-se de condições ele busca cumprir os imperativos da mística modernizadora. Na realidade, ele sela o destino ao qual foi induzido pela modernidade de sermos todos iguais. Mas não sem um preço. Tal ato não deixa de desembocar num certo cinismo social, pois, quando evocados,

os professores devem a seu modo (sedutor, afetivo, com igual, etc.) se apresentar como autoridade, mas, se assim o fazem, correm o risco de sofrerem escárnio, confronto e oposição. As teorias pedagógicas, ao contribuírem para colocar em suspensão parte da autoridade docente, parecem tê-lo abandonado, como também seus alunos, à sua própria sorte.

Além desses ideais de modernidade que afetaram diretamente a autoridade do professor, podemos notar outros fatores próprios da contemporaneidade, que também geraram mudanças de paradigmas na nossa sociedade e afetaram diretamente a noção de autoridade. Uma dessas mudanças foi a noção do sujeito adulto, que antes era tido como um ideal a ser alcançado, tendo um status social, tido como autônomo, responsável e cheio de conteúdo a serem ensinados para ao mais jovens.

Outro ponto muito importante a ser considerado é a evolução e a diversificação da estrutura familiar. A partir do século XIX prevalece a família constituída pelo pai, mãe e filhos. No final do século XX a estrutura familiar começa a se diversificar, a família tradicional patriarcal perde espaço para diversificados arranjos familiares, hoje existem famílias recompostas, monoparentais, pessoas que vivem sozinhas etc. a função de autoridade ou lei do pai, atributo do patriarcalismo, já não é exclusiva na família contemporânea.

Como visto, são muitos os fatores que interferem na crise da autoridade e não somente um. Independentemente disso, conceitos de autoridade, devem ser valorizados novamente para que ocorra uma educação com mais qualidade. Os adultos não estão isentos de sua responsabilidade, e a autoridade é uma responsabilidade a ser exercida e reinventada no dia a dia, o adulto deve praticar a autoridade que constrói, manter-se a uma boa distância psicológica da criança que não é nem de frieza distante, nem de hierarquia altiva, mas de respeito de autoridade e de amor. É acolher as novas gerações e transmitir todo patrimônio da humanidade, de forma a torná-los verdadeiramente livres e totalmente conscientes de suas escolhas.

Com base nos autores citados acima pode se dizer que a escola, por ser um lugar onde o aluno passa boa parte de seu tempo, e esta ter como um de seus principais objetivos a formação de um cidadão consciente, crítico e reflexivo, a mesma também tem sua parcela de responsabilidade quanto à formação do

mesmo, sendo que o meio escolar por ser um contexto onde há a convivência de inúmeros sujeitos de culturas diversas e divergentes umas das outras, o educador, juntamente com a equipe gestora, precisa saber trabalhar de forma respeitosa estas diferenças.

Não há como negar que os alunos já não são como eram antes, é sabido que desde a antiguidade já existiam relatos de alunos indisciplinados em sala de aula, porém nos dias atuais essa queixa se tornou muito frequente e está entre um dos principais problemas enfrentados pela educação. As formas de organização dos grupos familiares também sofreram grandes mudanças ao longo dos anos, esse fator certamente está ligado a estas questões. A indisciplina está relacionada a fatores externos ou internos do contexto escolar.

Em suma, não é possível afirmar que a crise da autoridade existente na relação professor e aluno foi causada por uma ou outra razão apenas, as causas são diversas, contudo, o fato é que existe essa crise e a mesma necessita ser superada, pois o sucesso do processo ensino e aprendizagem escolar depende dessa relação que precisa ser afetivo, porém mantendo sempre o respeito pela autoridade do professor em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a discussão realizada nesta Monografia com base em diversos teóricos renomados da educação, conclui-se que a definição de disciplina está relacionada a uma visão do modelo tradicional de ensino, no qual compreendem a ação disciplinar como um mero conjunto de regras ou atitudes a serem tomadas, visando simplesmente à contenção de comportamentos inadequados à aprendizagem. O termo disciplina atualmente é visto com um olhar construtivista, onde o professor é considerado um facilitador no processo de ensino e aprendizagem, que ao mesmo tempo ensina e aprende, sempre dialogando com seus alunos, em uma constante troca de experiências e informações, não sendo mais o único detentor do conhecimento, deixando assim de lado as interpretações reducionistas e pessimistas do disciplinamento.

Apesar desta nova visão de educação ter propiciado certos benefícios para a educação, também trouxe algumas preocupações, visto que está cada vez mais difícil para o professor realizar seu trabalho de forma significativa e prazerosa, pois os alunos em sua grande maioria não respeitam a autoridade do mesmo. Na escola tradicional a figura do professor era vista como a autoridade suprema da sala, a qual todos deviam acatar suas imposições sem questionar, o aluno que descumprisse qualquer ordem era severamente punido. Na contemporaneidade, o professor é considerado um facilitador do conhecimento, os alunos podem e devem fazer questionamentos pertinentes durante as aulas, essa mudança foi de suma importância para o aperfeiçoamento das práticas educacionais, porém a autoridade do professor em sala deve e precisa ser respeitada.

Ainda com base nos autores citados neste trabalho, é possível dizer que a família é apreendida como um alicerce para a criança, a base da formação de sua identidade, ou seja, é o seu primeiro contexto de socialização, por este motivo a mesma exerce uma grande influência na criança. As formas de criação e as atitudes dos pais com relação à educação de seus filhos, são aspectos que intervêm no seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, cultural, físico, enfim, no seu desenvolvimento integral.

Educar pessoas capazes de conviver em uma sociedade praticando o ato de cidadania é de primeira responsabilidade da família, sendo que a escola é um suporte, mas também deve cumprir o papel de formação integral do sujeito. Apesar de indisciplina e a violência possuírem significados distintos, é possível que a criança indisciplinada de hoje venha causar transtornos futuros para a sociedade em geral, por isso a escola com seus profissionais qualificados deve cumprir uma função social responsável na formação dos estudantes.

É importante ainda destacar que o excesso de repressão por parte do professor, o autoritarismo, regras muito rígidas na escola e a intolerância ocasionam insatisfação dos alunos, porém a permissividade e a liberdade em excesso também desencadeiam o comportamento indisciplinado nos mesmos. Por este motivo, o professor deve ter ações baseadas em princípios pedagógicos, com a finalidade de estabelecer uma relação de diálogo, mediação e respeito mútuo, criando assim laços de confiança com seus alunos.

Faz-se necessário ainda salientar que a contemporaneidade trouxe consigo diversas mudanças que abarcam todos os contextos da sociedade. Porém, no presente trabalho o foco é o contexto familiar e, principalmente, o escolar, visto que no contexto familiar houve mudanças da estrutura familiar e, conseqüentemente, estas mudanças afetam diretamente o contexto escolar, uma vez que são culturas diferentes que terão que conviver em um espaço cultural diversificado.

Em relação às mudanças ocorridas na educação pode-se dizer que conforme os autores citados, são vários fatores que contribuíram para a crise da autoridade do professor em sala de aula e sua relação com o aluno, não é possível afirmar que tal situação se instalou em função de um ou de outro, o fato é que é uma realidade do contexto social e escolar atual.

Neste sentido, o educador, juntamente com a equipe gestora e coordenadores pedagógicos necessitam saber lidar com tais diferenças, sempre respeitando a cultura singular e os conhecimentos prévios de cada discente de maneira que todos possam conviver harmonicamente. Certamente, a existência de conflitos é comum no meio escolar, porém cabe aos educadores, gestores e coordenadores pedagógicos resolve-los sempre da melhor forma possível, sem a necessidade do autoritarismo perpetuado na escola tradicional, porém com a autoridade de educador.

Portanto, é de grande relevância que as instituições de ensino estabeleçam projetos pedagógicos de acordo com cada realidade escolar, para prevenir os atos indisciplinados. Não foi possível chegar a uma conclusão à respeito do fator gerador dessas ações, pois todos estão interligados: a família, a sociedade e a instituição escolar. Todos os professores, monitores e gestores conseguem identificar o aluno indisciplinado, mas, de fato, muitas vezes, não conseguem planejar e desenvolver ações necessárias para a formação dos sujeitos nesta realidade social.

Para concluir essa discussão, por ora, é inegável que cada caso de indisciplina escolar necessita ser debatido em particular, pois cada ser humano possui sua singularidade, dessa forma as causas e soluções podem ser diversas e divergentes uma das outras, entretanto a solução para este problema, seja qual for a causa, dependerá do empenho na busca pelo resgate dos valores de todas as partes envolvidas como a instituição escolar, o professor e a família.

REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. **A organização e a gestão da escola: teoria e prática.** 5ª Edição. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

REGO, Tereza Cristina. **A indiscipline e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana.** In: THAILLE, Yves de La et al. **Indisciplina Na Escola Alternativas Teóricas e Práticas.** 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

ROURE. Susie Amâncio Gonçalves de. **Educação e Autoridade.** Tese (Pós-graduação em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

TAILLE, Yves de La et al. **Indisciplina na Escola Alternativas Teóricas e Práticas.** 5.ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996.